2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 40. QUINTA FEIRA, 9 DE AGOSTO DE 1849. 8.º ANNO.

CONHECIMENTOS UTEIS.

Instrucção Publica.

659 Livre e desafogadamente, sem vinculos de missão ou compromissos, por bem das lettras e do ensino publico, que não por interesse pessoal, ás vezes compromettido, temos escripto, escrevemos, e continuaremos a escrever sobre instrucção publica: por ella sentimos vibrar uma das cordas mais sensiveis do nosso coração; não podemos resistir-lhe quando apparece em campo esta questão.

Sabemos distinguir, e dar o merecido valor ás opiniões litterarias do Sr. Fernandes Thomaz. Sympathisamos de ordinario com ellas, por termos a fortuna de as acharmos conformes ás nossas; respeitamos sempre as em que somos divergentes; mas temos que oppor á doutrina exposta na Revista n.º 36.

Incidentalmente, e só por attenuar o effeito de uma proposição demasiado absoluta (talvez por alguma aversão a proposições d'este genero) nos desviámos da questão essencial quando na Revista n.º 33 dissemos que «nem sempre as agitações politicas entorpe«ciam e suffocavam o engenho, antes por vezes o ex«citavam e desenvolviam;» concordando todavia em que os fructos d'elle só podessem amadurecer á sombra benefica da paz.

Dissemo-lo, e afoitamente o repetimos. O auctor de Werther, começando a sua carreira em 1774, e o de Guilherme Tell em 1781, ambos percorreram e illustraram com seus escriptos o periodo da exaltação do genio patriotico germanico contra a França, quando Bonaparte lhe entregava a Europa avassallada em troco do despotismo que instaurára. O grande genio de Shakspeare desenvolveu-se nas luctas da grande reforma não ultimada por Henrique VIII, quando Inglaterra foi theatro da mais cruenta epopea. Newton assombrou o mundo inteiro com seus muitos e valiosissimos escriptos desde 1680 até 1727, periodo em que transformações politicas as mais transcendentes tiveram logar, e n'ellas tomou parte. Não fôra mister mais do que a confissão do Sr. F. Thomaz, da occasião em que Camões trabalhou o seu immortal poema, para sustentar uma idéa, que suppunhamos tão trivial, como é o sermos considerados como um povo guerreiro e conquistador em 1540. Não sympathisamos com proposições absolutas; e vem reforçar as nossas tendencias o nosso illustre amigo, quando diz que sem a paz não houvera Geographia, Geologia, Archeologia, e outros ramos de conhecimentos humanos. E foi a guerra que nos deu as primeiras noções d'aquellas sciencias: foi a guerra por muito tempo o quasi exclusivo instrumento de civilisação. A bussola e a imprensa vieram depois desenvolver e aperfeiçoar as communicações encetadas pela violencia. Mas não seguiremos mais o incidente, por não prejudicar a questão principal.

Nunca, nem por sonhos, accusámos o illustre A. do artigo alludido de haver *fallado de leve;* dissemos e lamentámos que estivesse mal informado, talvez por falta de publicações convenientes. Já conseguimos reforma de juizo a favor do Conselho Superior, de quem diz o A. no seu 2.º artigo, que alguma coisa tem feito, posto que menos do que fôra para desejar. Daremos novos esclarecimentos, confiando em que por elles se faça justiça inteira: e não confundiremos Conselho Superior com Director.— São entidades diversas em natureza, attribuições e fins.

Para introduzir o ensino dos ramos industriaes na instrucção primaria basta haver compendios que d'elles tractem, diz o nosso honrado collega; e pergunta por que os não tem apresentado o Conselho Superior. Se fôra bastante o haver esses compendios, poderia dizer-se que se acha cumprido o preceito; porque na collecção de livros elementares auctorisados para uso das escholas primarias, publicada em cada anno por ordem do Conselho, alguns se encontram da natureza d'aquelles. Mas não basta, entendemos nós; é preciso que os mestres possam explicar aos alumnos o que elles lêem e não entendem; e, ainda mais, que alguns exercicios praticos vão fixando as idéas: ou cahiremos no erro, que combatemos, de reduzir os ramos de applicação e utilidade pratica a doutrinas meramente especulativas. Teremos, como notam *Cousin* e *Barras*, charlatães em vez de alumnos instruidos. É por aquella rasão que em todas as escholas normaes primarias, além de outros objectos de exercicio pratico, ha um terreno destinado a exercicios de agricultura, considerada como a primeira das industrias: e nas escholas ordinarias

da Suissa, Toscana, reino lombardo-veneziano, poucas se encontrarão em que se não realise aquelle ensino. Podemos ainda asseverar, que o Conselho tem encarregado aos seus Vogaes extraordinarios o preparo dos livros elementares mais adequados, indicando-lhes o que ha de melhor sobre este genero em outros povos, que nos precederam n'esse ramo de civilisação; e apontando até nomeadamente os excellentes Manuaes de Apporti e Lambruschini, de que se tem tirado mui vantajosos resultados. E é de crer que, não se obtendo por esta fórma uma collecção perfeita, o Conselho recorra ao meio, que a lei lhe faculta, da instituição de premios em concurso. E será demasiado o tempo que se tem esperado pela satisfação d'aquelle encargo, começado em 1845 e interrompido pelos subitos acontecimentos de 1846 a 1847? Não é: *a influencia do vapor não é de aproveitar em obras de tal natureza.*

E corrigiremos por esta occasião uma involuntaria inexactidão do Sr. F. Thomaz. Os indices chronologicos, a que se allude em ambos os artigos antecedentes, são obra de Vogaes extraordinarios, ordenada, examinada, e approvada pelo Conselho Superior.

Mas quando em nosso artigo antecedente apontámos a impossibilidade de levar a effeito desde já o ensino das sciencias industriaes, por falta de *especialidades* competentes, era ao ensino secundario que nos referiamos; e assim era de entender, lamentando até as difficuldades, que havia, por falta de mestres para a instrucção classica. Tinhamos em vista, nem podiamos deixar de ter, a instrucção da classe média: é a classe a quem esse ensino mais póde aproveitar, e a que, assim illustrada, mais ha de influir na riqueza e prosperidade do paiz. E pergunta o Sr. F. Thomaz se é por falta de escholas especiaes que os mestres faltam, por que as não tem promovido o Concelho? Se é por outra causa, por que a não declara, e aponta o remedio?

Não é certamente por falta de homens competentemente habilitados, que custa a achar mestres para a instrucção classica. Temo-los felizmente; e n'estes ultimos annos muitos teem adquirido as lettras patrias: mas acham empregos mais lucrativos; procuram os ramos de administração geral, e de fazenda. A transformação social, que experimentámos, facilitou os meios de emprego a muita gente, que antes buscava a carreira das lettras. Só um esforço, egual ao que tem feito a Grecia, poderia attrahir ao magisterio esses homens eminentes, hoje d'ella segregados.

E se não houvera essas *especialidades*, seria muito facil alcança-las? Assim se improvisam escholas normaes secundarias? desde quando se prepara a escholа normal primaria de Belem? e aonde está o viveiro dos professores para a boa organisação das escholas normaes? Ha difficuldades praticas, que o raciocinio não demonstra; mas a execução offerece ás vezes invenciveis.

Mas, estreitando-nos ao ensino das sciencias industriaes, no ponto de vista em que elle convem á instrucção secundaria, muito desejariamos saber aonde podemos encontrar os mestres competentes; aonde temos os Fellenbergs, os Clarks, Rielfs, Clements, e outros, que tanto se teem distinguido n'esse genero muito especial de instrucção.

O artigo 49 do Decreto de 20 de Setembro, a que se soccorre o Sr. F. Thomaz, foi elaborado por mão de mestre; a sua doutrina foi concebida e desinvolvida por quem conhecia cabalmente as necessidades, e não ignorava as faculdades do paiz. Se o Decreto de reforma de 1836 confiasse a alguem a creação opportuna dos ramos industriaes em instrucção secundaria, em vez de improvisar museus, jardins botanicos, laboratorios e gabinetes, não soffreria o ridiculo, que lhe arremessou a impossibilidade da execução.

Não nos illudamos; temos muitos homens eminentes em sciencias, capazes de as ensinar no ponto de vista transcendente: o ensino dos ramos scientificos, como arte e como officio, não tem sido cultivado entre nós; é muito especial e distincto do ensino academico. Cumpre preparar d'antemão o terreno, e os cultivadores, ou serão baldados todos os esforços. Os meios, que desde já se devem empregar para em breve se poder utilisar a instrucção industrial, já teem sido propostos convenientemente a quem compete.

Esperâmos que, com estas explicações, o publico, e particularmente o nosso amigo e collega, acabará por se capacitar que não tem escapado ao disvello e sollicitude do Conselho Superior tudo quanto póde concorrer ao progresso e engrandecimento da instrucção e educação nacional. Os relatorios annuaes, que muito sentimos não ver publicados, conteem a estatistica de todos os ramos de instrucção desinvolvida em todas as partes, de que naturalmente se compõe; e offerecem á consideração do Governo todas as propostas e reflexões, que a experiencia tem suggerido, ou a pratica de nações cultas sanccionado.

Nem se diga que «os trabalhos estatisticos não são «obra digna de figurar á frente d'um corpo tão res«peitavel!» ou nenhum dos Conselhos Superiores, de que temos conhecimento, sabe avaliar o que seja estatistica, e o logar que lhe compete. Sem trabalhos estatisticos, tão fecundos em resultados, como improbos e de perfeição difficultosa, não entendemos nós como se podesse avaliar o estudo da instrucção publica; e ainda menos como, sem este conhecimento, se possa dizer que reformas, ou que melhoramentos se devam adoptar.

Não deixaremos tambem sem algum correctivo um reparo, que certo nos maravilha. Estranha-se que, apparecendo o Decreto da reforma em 1844, «ainda «agora se esteja cuidando do regulamento para a sua «execução.» Bastará ler o Decreto para saber quantos regulamentos elle exige para a sua conveniente execução! Mas um só que fosse, não nos parece coisa digna de estranhar-se. Um bom regulamento é obra de difficil feitura; e em instrucção sobe de ponto a difficuldade. Convencidos d'esta verdade na Prussia, paiz-modelo em organisação e administração de estudos, costumam começar a execução das leis de instrucção por instrucções circulares, como tentativas para bem avaliar as difficuldades praticas; e quando sanccionadas pela experiencia, convertem-se então em regulamentos.

Poremos termo a este artigo, rogando ao nosso illustre amigo que não desespere do futuro. Por nossa parte não incorreremos na pena das leis romanas.

Estamos convencidos de que o movimento intellectual vae fazendo a sua rotação, assim como o movimento das raças. Será por vezes contrastada e interrompida a sua marcha; mas não ha força estranha que lhe resista. Os rail-ways, que vão formando o systema nervoso da Europa, e se podem haver já como symbolo da unidade; os canaes, e a navegação maritima são os orgãos da civilisação moderna, postos em acção pela potencia prodigiosa do vapor. Confiemos, e respiremos o ar do seculo.

J. J. DE MELLO.

Cultura do ananaz.

660 O ANANAZ gasta, para produzir os fructos e sasona-los bem, tres annos. Vamos dar o que convém fazer em cada um d'elles.

No primeiro anno deve preparar-se o solo com uma porção de terra de ananaz, duas de terra usual, e uma de arêa: junte-se a esta mistura um pouco de estrume (*poudrete* é o melhor), se a terra é fria. Colloque-se esta terra em vasos de seis pollegadas de diametro e de egual profundidade. Plantam-se n'ella as corôas tiradas dos ananazes já colhidos, enterram-se os vasos em uma camada de estrume de cavallo fresco, abrigam-se do tempo, e só se começam a regar quando principiam a crescer. No fim de seis mezes tiram-se as novas plantas dos vasos, cortam-se-lhes as raizes, e collocam-se em vasos maiores. Feito isto, é preciso conservar na estufa, durante a noite, um calor de 10 gráus, e aproveitar-se do sol para lhes dar ar, e regar algumas vezes. Á proporção que se adiantar a primavera, o calor durante o dia deve conservar-se em 12 gráus, elevando-o no verão até dezoito ou vinte. — Se o calor for demasiado, as plantas crescem rapidamente, e dão fructos abortados. N'esta estação convém tambem aproveitar os melhores dias para dar ar ás estufas, e regar as plantas com agua, que deve ter estado ao sol.

No segundo anno transplantam-se os ananazes para vasos de 12 pollegadas de diametro, cheios de terra composta de duas partes de terra de ananaz, uma de terra usual, e uma de arêa. N'este anno augmenta-se o calor por meio de tubos por onde passe o vapor: de modo que o calor se mantenha de noite, pelo menos, em 15 gráus, e de dia em 23. Augmenta-se tambem a camada do estrume, onde os vasos estão mettidos, com residuos das fabricas de cortume, cal viva, misturados com estrume fresco de cavallo.

No terceiro anno eleva-se por todos os meios artificiaes o calor ao mais alto gráu possivel nos nossos climas. A disposição dos vidros dos caixilhos da estufa póde servir de grande auxilio para este fim.

Os ananazes teem por inimigo um insecto pequenino, que apparece por entre as folhas: convém mata-los no inverno e na primavera, afim de que não cheguem ao verão, pois que n'esta occasião cresceria o seu numero de modo tal que seria difficil extirpa-los. Convém tambem borrifar as folhas dos ananazes com uma decocção de tabaco, para matar as sementes d'estes insectos.

J. D.

Resultado do uso do sal nos alimentos do gado.

661 O TRECHO, que se vae ler, é extrahido de um excellente artigo, escripto por M. Barral, Lente de Chimica na Eschola Polytechnica de París, inserto e no Journal d'Agriculture pratique et de Jardinage.

Resultado do uso do sal sobre a producção do leite. — É opinião geral hoje — que o sal empregado nos alimentos dos animaes tem uma influencia favoravel na producção do leite. Esta opinião é já de antigos tempos; porém deve dizer-se que era sobre tudo ás ovelhas que os antigos recommendavam o uso do sal. A raça ovina, carecendo de alimentos seccos, e a producção de abundante leite requerendo alimentos aquosos, convinha corrigir os defeitos d'estes alimentos seccos, por meio do sal. Não ha pois que admirar, se observarmos que os antigos, sobre tudo Virgilio, gabassem tanto o uso do sal dado ás cabras e ovelhas, com o intento de augmentar o leite, e melhora-lo. Convém comtudo precavermo-nos contra a generalidade d'esta regra, que póde ser boa para uma raça, e não provar bem em outra, principalmente se o regimen alimentar não fôr o mesmo, como succede com as vaccas. Por isso grande serviço fez M. Boussingault, submettendo a uma experiencia directa a questão de saber, se o sal, dado na ração das vaccas, exercia influencia sobre a quantidade do leite.

A vacca, sobre a qual se fizeram as observações de M. Boussingault, era tida como muito boa leiteira. Pariu esta vacca no 1.º de Março de 1847. Desde o dia 29 de Abril começou a ser raçoada com feno de boa qualidade dado á vontade, e até 19 de Maio não se lhe deu sal.

Durante este tempo —

O feno consumido por dia foi de 19 k. 57.

O leite que dava por dia era de 7 lit. 90.

100 k. de feno produziram 40 lit. 39 de leite.

O peso da vacca conservou-se sempre de 493 kil.

A partir do dia 20 de Maio, á ração do feno dado á discrição juntou-se por dia 60 grammas de sal, e a experiencia continuou-se até ao dia 15 de Junho, isto é, durante 27 dias.

Durante este tempo observou-se o seguinte resultado:

Feno consumido por dia 19 k. 85.

Leite obtido por dia 7 lit. 93.

100 k. de feno produziram 40 lit. 04 de leite.

O peso da vacca no fim da experiencia era de 498 kil.

N'esta experiencia, diz M. Boussingault, a influencia do sal foi nulla, quer sobre a producção do leite, quer sobre o consumo da forragem.

Contra esta opinião ha a de M. Becquerel, que diz — «que o leite das vaccas, ás quaes se ministra sal na ração, é considerado pelos fabricantes de queijos como de qualidade superior. É mais gordo, e peza 1 gráu mais no lactometro. Os creadores de gado do departamento do *Jura* pensam do mesmo modo.»

Para que a conclusão tirada por M. Boussingault colhesse, seria preciso que o leite tivesse sido analysado antes e depois de se haver sujeitado a vacca ao regimen dos alimentos com sal.

---

*

Apesar d'estas observações devemos ainda reputar como indecisa a questão de saber se o sal exerce uma influencia salutar na producção do leite; porque as observações dos creadores do Jura não se podem adoptar, por não terem o cunho de uma experiencia scientifica; e as observações de M. Boussingault, excellentes porque provam que a quantidade do leite não augmenta, são comtudo insufficientes para decidir a questão da superioridade da qualidade do leite.

Tratado das doenças das arvores fructiferas, do meio de as evitar, e de as curar.

CAPITULO IV.

CURA DAS FERIDAS DAS ARVORES, E PREPARAÇÃO DOS CIMENTOS E UNGUENTOS.

(Continuado de pag. 461.)

E. *Unguentos.*

662 O UNGUENTO mais simples compõe-se de partes eguaes de greda e bosta, misturadas entre si, e amassadas com pello de boi. Este remedio, que é bom na maior parte dos casos, sobre tudo em tempos seccos, póde tambem ser empregado nos enxertos, porque conserva por muito tempo a humidade, o que é muito vantajoso. Bastantes vezes apenas se emprega bosta de boi, e consegue-se curar algumas chagas e feridas. Quando se usar d'estes remedios, convém cobri-los com um pedaço de panno qualquer, afim de que o unguento se não desprenda, já com as chuvas, já com o calor, e cáia, deixando a ferida descoberta.

F. *Cera ou unguento de enxertar.*

Primeira receita. — Tomam-se 250 grammas de cera amarella, 125 de resina, e 125 de terebenthina espessa. Põe-se a cera e a resina em vaso de barro a derreter em lume brando, e a terebenthina em outro vaso tambem a derreter, havendo todo o cuidado, para que se não inflamme. Quando esta estiver derretida, mistura-se com a cera e a resina; feito isto, lança-se tudo em uma vasilha, que tenha alguma agua. Quando tudo estiver reduzido a uma massa consistente, formam-se d'esta bolas, que se guardam para se empregarem quando for preciso.

Segunda receita. — Tomam-se 65 grammas de cera amarella, 4 de banha de porco, e põe-se a derreter em lume brando. Derretido este mixto, junta-se-lhe 20 grammas de terebenthina espessa, e 4 de oleo de pinho distillado. Meche-se tudo bem, e quando estiver reduzido a massa, dá-se-lhe a fórma que se quizer, e guarda-se.

Este unguento, ou cera, tem a vantagem de poder ser applicada em camadas delgadas, de se não pegar ás mãos, de adherir facilmente ás arvores, e de não ser comida pelas abelhas e outros insectos.

Terceira receita. — Misturem-se 250 grammas de cera, 250 de resina, e 190 de terebenthina. Derrete-se tudo, e quando o mixto tiver esfriado, junta-se-lhe 8 a 10 grammas de aloés, afim de afugentar os insectos.

Quarta receita. — Derretam-se em vaso de barro, e a lume brando, 95 grammas de pez, 65 de resina, 68 de cera amarella, e 45 a 50 de cebo. Derretido tudo, meche-se bem, afim de que estas materias se liguem, e vasam-se para dentro de alguma vasilha que tenha agua fria. Quando este mixto estiver reduzido a massa, tira-se da agua e guarda-se.

Quinta receita. — Derretida a escuma do pez, junta-se-lhe cinzas bem peneiradas, sêmeas ou farinha, em porção sufficiente, para que tudo fique em massa forte.

Esta cera serve para se enxertarem nos viveiros as arvores silvestres; e emprega-se tambem para cicatrisar as feridas das arvores já formadas, sobre tudo das cerejeiras.

Sexta receita. — Derretam-se 250 grammas de cera amarella e 250 de cerol e de terebenthina, e 65 de cebo. Depois de tudo bem derretido, vase-se para uma vasilha, que tenha agua, deixe-se esfriar o mixto, e guarde-se em pequenas bolas. Este remedio é sobretudo vantajoso nos tempos rigorosos.

Setima receita. — Tomem-se partes eguaes de azeite de peixe, e de pez. Derreta-se este, e depois junte-se o azeite de peixe, e misture-se tudo bem. Esta preparação é muito usada pelos francezes, que a applicam fria com um pincel sobre as feridas da maior parte das arvores.

Oitava receita. — Põe-se a derreter 500 grammas de pez, e juntam-se-lhes 65 de banha de porco, e mistura-se. Este mixto applica-se quente com um pincel.

Esta cera de enxertos leva muitas vantagens ás outras receitas que indicámos. É tambem um dos melhores remedios para os cancros que apparecerem de verão nas arvores novas e fortes. Nas arvores de caroço os seus effeitos são admiraveis. A gomma cessa com este remedio, e as feridas provenientes do decote cicatrisam em pouco tempo.

Esta preparação, simples e pouco dispendiosa, é, sem contradicção, a melhor para os enxertos do verão, nas arvores de caroço. Por isso recommendamos com instancia o seu uso.

Terminaremos este capitulo dando alguns conselhos ácerca da maneira como convém tratar as grandes chagas, isto é, as grandes cavidades, que se veem tantas vezes nas arvores velhas dos pomares.

Estas cavidades nos ramos ou no tronco estendem-se bastas vezes até ás raizes; e se se lhes não acudir com o remedio, os seus estragos progredirão de um modo tal, que apressarão a morte da arvore.

Para as curar convém, se for necessario, alargar a cova para lhes poder tirar todo o páu podre: e encher-se as cavidades com cal e arêa amassadas. Por este modo se faz cessar a podridão, as arvores remoçam-se, e a cal lhes communica novo vigor, o que não tarda a effectuar-se pelos novos rebentos que deitarão nos annos seguintes.

Se a cavidade for de uma grande dimensão, pode-se encher primeiro com pedras misturadas com terra amassada, e acabando de tapar a cavidade com cal e arêa.

(Continuar-se-ha.)

N.º 40.

663 MAPPA ESTATISTICO DA POPULAÇÃO E MOVIMENTO, NO DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE AVEIRO, NO ANNO DE 1848.

CONCELHOS.	Numero dos fogos ou familias	Pessoas maiores de 7 annos		Pessoas menores de 7 annos		TOTAL	Movimento da população				
							Nascimentos		*Obitos*		Cazamentos
		Do sexo masculino	Do sexo feminino	Do sexo masculino	Do sexo feminino		Do sexo masculino	Do sexo feminino	Do sexo masculino	Do sexo feminino	
Agueda	2:408	3:519	4:200	501	547	8:767	113	112	92	96	44
Albergaria	1:300	1:687	1:784	272	325	4:068	65	69	33	47	38
Angeja	1:486	2:021	2:115	533	614	5:333	66	59	26	28	17
Anadia	1:427	2:335	2:621	406	433	5:795	67	71	62	64	38
Arouca	2:367	4:323	5:000	1:179	1:210	11:712	150	179	125	132	43
Aveiro	2:892	4:006	4:743	898	1:009	10:736	207	128	95	96	62
Bemposta	2:223	3:251	3:983	573	643	8:450	126	135	65	70	75
Castello de Paiva	1:782	2:340	2:963	605	697	6:605	140	133	73	100	67
Eixo	1:972	2:677	3:344	703	794	7:518	87	111	56	90	46
Estarreja	7:032	9:698	10:550	2:118	2:169	24:535	444	414	221	237	148
Feira	9:567	14:049	16:146	3:198	3:348	36:741	567	547	333	355	262
Fermedo	1:655	2:376	3:030	216	653	6:575	105	133	82	83	39
Ilhavo	1:772	2:805	3:090	472	504	6:871	120	81	84	60	15
S. Lourenço	2:036	3:170	3:408	562	607	7:747	104	102	82	92	53
Macieira de Cambra	2:371	3:904	4:745	826	902	10.377	58	155	140	66	88
Mira	2:227	3:799	3:827	692	760	9:078	110	110	58	83	41
Oliveira d'Azemeis	4:128	6:512	7:652	1:247	1:305	16:716	236	244	158	158	86
Oliveira do Bairro	1:131	1:802	2:116	215	236	4:369	47	57	54	53	28
Ovar	3:959	4:298	5:697	987	1:107	12:089	177	161	141	128	67
Pereira Juzã	1:327	2:763	3:223	1:084	1:303	8:373	72	108	44	73	50
Sever	1:373	2:352	2:782	520	503	6:157	83	77	61	64	29
* Sosa	1:130	1:491	1:533	330	332	3:686	60	66	31	33	51
* Vagos	1:561	2:607	2:884	655	702	6:848	77	77	72	64	30
Vouga	2:267	3:422	3:767	864	821	8:874	112	118	73	69	39
Total	61:393	91:207	105:203	20:006	21:604	238:020	3:393	8:387	2:261	2:341	1:456

PARTE LITTERARIA.

Carlos Alberto.

É il mio ultimo giorno; lasciatemi morire.
C. A. *na batalha de Novara.*

664 O INFORTUNIO é tão grande como a gloria. A posteridade venera tanto os loiros dos heroes como as suas lagrimas.

Em terra portugueza morreu, ha pouco, um dos maiores homens do seculo — o que mais ousou, o que mais padeceu. A Europa suspenderá as luctas gigantescas, em que anda empenhada, para meditar por algum tempo ante o cadaver de Carlos Alberto.

O dever nos leva hoje para perto dos restos mortaes d'aquelle que, se não foi o rei da Italia, morreu sendo o seu primeiro cidadão.

Os Jornaes são as paginas dispersas da historia. Pertence-lhes o contar aos vindoiros os grandes e tristes feitos d'essa vida, da qual o ultimo dia se póde considerar o espaço que medeou entre a batalha de Novara e o dia 28 de Julho, em que a laboriosa e heroica população do Porto lamentou a morte do hospede, que já prezava como se desde o berço ahi tivesse vivido.

Vinham d'alma, alumiadas por luz do céu, as palavras que o general Durando ouviu ao Rei da Sardenha no momento fatal em que a sua brilhante carreira militar se fechava, com o destroço d'um exercito, ao qual, para vencer, só lhe faltavam almas como a do rei que o commandava.

É il mio ultimo giorno; lasciatemi morire, dizia Carlos Alberto, correndo para a morte, que o chamava pela bocca dos canhões, e que lhe estendia braços de aço para lhe cortar o fio da vida. Assim foi: desde esse dia a morte estava na alma; o corpo não poderia resistir.

Antes de fallarmos no grande dia, ou ultimo periodo da vida, que se finou na solidão e no amargor do exilio, vamos vê-la despontar ao pé de um throno.

Carlos Alberto descendia de uma caza, que, por oito seculos, tem reinado. O povo, em um baptismo de amor, ligou dois dos seus nomes para formar o symbolo, que lhe havia de conservar sempre viva no futuro a sua memoria. Nem o titulo de imperador faria esquecer ao povo o unico modo, por que se habituára a conhecer o representante da unidade italiana.

Respeitaremos esta vontade popular, e só chamaremos ao Rei da Sardenha — Carlos Alberto. —

A caza de Saboya foi representada primeiro por condes, depois por duques, e finalmente por mais de um rei. Do decimo primeiro duque partiu o ramo de *Saboya Carignan.* D'este ramo descende Carlos Amadeo Alberto, nascido em Turim, aos 2 de Outubro de 1798, filho do Principe Carlos Manuel, e de Maria Christina de Saxonia, princeza de Courlande.

Carlos Alberto foi educado em França, onde seu pae morreu, e depois concluiu os seus estudos em Genebra.

Logo no principio da sua vida, Carlos Alberto frustrou os desejos que a Austria tinha de completamente dominar a Sardenha.

O gabinete de Vienna aconselhava a Rainha Maria Thereza d'Austria, que, em contradicção com a lei salica, deixasse a corôa da Sardenha a sua filha, casada com o duque de Modena. O casamento de Carlos Alberto com Maria Thereza Francisca de Toscana, Archiduqueza d'Austria, malogrou este plano. Os esponsaes foram celebrados em Setembro de 1816, e por essa occasião se lhe conferiu o titulo de Principe Real da Sardenha.

No reinado de Victor Manuel houve uma verdadeira crise nas opiniões que dominavam o Piemonte: o sonho da independencia da Italia percorria algumas imaginações, o desejo de libertar a Sardonha da influencia da Austria era o desejo de todos os sardos.

Por uma circumstancia notavel a configuração da Sardenha lhe dera na origem o nome de planta de pé, ou *Ichnusa,* e era tambem notavel que se preparava para servir de base á transformação politica da Italia.

E se houve quem affirmasse que esse paiz não curava do porvir notando que a lingua sarda, na qual dominam mui vivas recordações do arabe, do grego, e do hespanhol, carece de futuro, bem é para observar que d'esse paiz partiu um forte brado de guerra a favor da completa liberdade da Italia, brado que inteiro pertence aos vindouros.

Victor Manuel não tinha força nem prestigio para desviar os animos da nova direcção que tomavam.

A revolução começou a ser desejada, tornou-se possivel, e foi emprehendida. A popularidade de Carlos Alberto o iniciou nos planos que se tentavam para dar ao Piemonte uma nova organisação politica.

Em virtude d'estes planos, a constituição foi proclamada. Victor Manuel abdicou em seu irmão Carlos Felix, e nomeou Carlos Alberto regente durante a ausencia do rei. Estes factos passaram-se em Março de 1821. O rei não aprovou o procedimento do regente, o qual se retirou para Florença. Estando em París por occasião da guerra com Hespanha, formou parte do exercito francez, e pelo seu valor ganhou um posto no cerco de Trocadero.

A revolução de 1830 não deixou de echoar na Italia, e com ella cessaram as intenções de passar a corôa da Sardenha para a familia dos Duques de Modena. Em Fevereiro de 1831 se arvorou novamente o estandarte, que 10 annos antes tinha tremulado em Turim, e mais uma vez foi rasgado pela aguia da Austria. Carlos Felix morreu ao findar da lucta.

Carlos Alberto era o novo rei, que a legitima successão e a vontade do povo chamavam para o throno. Com enthusiasmo foi proclamado rei. Como cidadão havia sido proclamado reinante, e não quiz no throno perder essa tão precaria fortuna. A sua posição era difficil: qualquer falta de prudencia podia perder para sempre os desejos da sua alma. O seu reinado foi uma continuada meditação, e em todos os seus actos se descobre que um raciocinio seguro andou sempre perto da sua vontade, e quasi sempre a domou.

Para a sciencia do governo seria um estudo de

maxima utilidade o conhecer e analysar quanto Carlos Alberto trabalhou na legislação, que chegou a codificar, bem como o seu plano de organisagão do exercito, e o systema de prisões, por elle completamente reformado. As artes receberam grande auxilio com a fundação da Galeria Real de Turim, e as letras patrias foram por elle protegidas ao ponto de nomear uma commissão para publicar a collecção de monumentos historicos.

Em quanto no seu paiz houver um pobre, a sua memoria será abençoada, por causa de uma respeitavel instituição á qual ligou para sempre o seu nome, e consiste em que não ha um só tribunal em que não haja advogados dos pobres; e para que tão louvavel pensamento seja uma realidade, todos os bachareis em direito são obrigados a exercer por um anno tão caridoso cargo. A reforma do systema feudal, que dominava na ilha da Sardenha ainda em 1836, é um dos maiores padrões da sua gloria e do seu saber. Amava todas as classes do povo, mas o soldado era para elle como um irmão.

Um rei tão justo e virtuoso não podia deixar de ser catholico. A religião foi a base de um dos mais respeitaveis caracteres do nosso seculo.

Carlos Alberto trabalhava ainda nas reformas que projectava, quando Pio IX, subindo á Cadeira de S. Pedro, marcou uma nova era na historia da humanidade. O novo Pontifice foi considerado como uma revelação, que tinha por fim a unidade da Italia.

Não ha, ao presente, plano mais ousado e gigantesco, do que a reunião de quantos povos vivem entre o gelo dos Alpes e o fogo do Vesuvio, sujeitando-os ao mesmo pensamento, á mesma vontade.

A união da Italia é um problema, lançado ha seculos por Deus para o meio do Mediterraneo. Póde ser a obra do tempo, mas não será nunca o feito de uma espada.

Do cimo dos Apeninos, aos quaes Michelet chama com rasão o dorso da Italia, descem dois rios, o Tibre e o Anio, ambos caudaes, ambos velozes na corrente, e os quaes só se reunem para se sepultarem no mar. A unidade italiana está aqui symbolisada. As varias partes da Italia caminham na mesma direcção, mas só no futuro se pódem encontrar.

Carlos Alberto esposou com devoção e lealdade a causa da unidade italiana. Apostolo de uma crença politica, acceitou com a coragem da intelligencia todas as suas consequencias, não excluindo o martyrio. E de feito, teve por sorte o morrer, sendo o maior e o mais nobre martyr do pensamento que estudou na governação civil dos estados, e que defendeu nos campos da guerra.

Para Carlos Alberto, Pio IX era como a voz de Deus que o inspirava para entrar na cruzada da independencia da Italia, e o seu braço era o instrumento escolhido para levar ao cabo tão grandiosa obra. Foi d'estas idéas que partiram os factos que se vão seguir.

Quando rebentou a revolução de Fevereiro a Italia preparou-se para a guerra, e Carlos Alberto, á frente de um exercito, marchou sobre as mais fortes praças, que estavam occupadas peloexercito dos austriacos.

A tomada gloriosa de Peschiera condemnou ao silencio a voz da injustiça, que já em Milão se ouvia para condemnar o illustre rei general.

Os grandes sacrificios passam sempre desconhecidos e mal avaliados. Quanto mais alto o homem se eleva na vida publica, mais se eleva a calumnia para o suffocar com traiçoeiros abraços. Ha nos partidos homens que sacrificam tudo ao principio mesquinho do egoismo individual — quando lhes convém: — só por esta rasão insultam e cobrem de lodo a estatua do heroe, ante a qual virão ainda depois curvar-se, sem que as faces lhes corem de vergonha.

Em quanto Carlos Alberto era victima de injustas suspeitas, realisava o grande commettimento em tomar Peschiera com um exercito de cincoenta mil homens, e tendo de o dividir por uma linha de 30 leguas, ameaçada pelas praças de Mantua e de Legnago e Verona.

O sol de tão grande gloria caminhou depois para o occaso de Novara.

Em Julho, assim que as palmas da victoria resplandeceram junto de Verona, e abandonadas posições de Rivoli, Somma Compagna e Volta, foi seguido da retirada do exercito, que veio acampar nos arrabaldes de Milão, ameaçada quasi ao mesmo tempo pelo exercito austriaco.

Na manhã do dia 3 de Agosto Carlos Alberto tinha chegado a Milão, e a 5 evadia-se do seu palacio de Greppi, porque a sua prudencia é considerada como traição.

Gioberti é depois sacrificado tambem á injustiça da patria.

Era chegado o momento da alma de Carlos Alberto se patentear á Europa. Se o seu entendimento lhe mostrava perdida a sua causa, a consciencia o obrigava a ser martyr d'ella no meio do ultimo esforço de um combate.

Respondeu á calumnia e á inveja, desembainhando a espada e chamando os piemontezes ás armas.

Com esta heroica resolução coincidiu o boato de que o exercito austriaco começava a retirar de junto a Milão. Radetzki não retirava, mas centralisava o mais forte do seu exercito na margem do Tessino. A linha do exercito piemontez tinha por extremos Vogéra e Novara; a sua extensão era de 25 leguas cortadas no centro pelo rio Pó. Em 20 de Março Carlos Alberto passou o Tessino com uma divisão, e postou-se em Novara. Ao passo que um ataque falso chama a um ponto da linha a attenção do exercito piemontez, os austriacos atravessam em duas partes o Tessino e entravam no Piemonte. Carlos Alberto, para perder o inimigo por um dos flancos, concentrava cada vez mais as suas forças em Novara. Estes movimentos estrategicos duraram até 23, em que Radetzki, por meio de um ataque geral sobre Novara, obrigou o exercito piemontez a retirar para as montanhas de Biello e de Burgo-Manoro. Foi então no meio do fogo d'esse combate, que soou a ultima hora da vida publica de Carlos Alberto; foi ahi que a sua coragem lhe inspirou o pensamento de converter essa hora na ultima da existencia.

A 24 despediu-se do exercito — e abdicou. —

A Europa o saudou como um heroe — e victorias tem havido que muito menos valem do que as sympathias que houve pelo seu infortunio.

Acaba aqui a vida que pertence á historia: elle mesmo o disse — *é il mio ultimo giorno.*

Escolheu o Porto para seu exilio voluntario; e ahi, aos pés da cruz, veio meditar nos destinos da Europa, e orar pela ventura da Italia. — Abraçado com a cruz, expirou a 28 de Julho, pelas 3 horas da tarde.

A sua doença foi a prova de que o justo morre sem remorsos. Nunca desamparou a Religião; e a ultima bençam, que, em nome de Deus, lhe lançou o sacerdote, foi a ultima consolação que teve o martyrio da sua vida.

Do que fôra pouco lhe restava. Rei, expirava longe do seu reino; general, não tinha a seu lado senão a espada pura e honrada, que empunhára; esposo, só uma carta, recebida meia hora antes da morte, substituia as lagrimas e os cuidados da companheira dos seus dias de gloria; pae, não lhe era possivel abençoar, pela vez derradeira, o filho, successor da sua corôa.

Todos estes affectos se reuniam na imagem do Redemptor, que ainda, em ultimo esforço, uniu ao coração.

Em qualquer aldêa o pobre ganha-pão, morre na choça, que lhe legou seu pae, abraçado com a metade da sua vida, cercado dos filhos, que lamentam a sua morte. Na segunda cidade de Portugal, um rei, um poderoso da terra, é mais infeliz que o pobre, o seu leito da morte é mais triste, a solidão do mundo é para elle maior.

São lições que Deus escreve sobre as sepulturas.

O Porto soube ler os caracteres invisiveis da Providencia divina; e quando já não podia tributar a Carlos Alberto outra prova de amor e de respeito, cobriu-se de lucto, por instincto e vontade propria.

O lucto de uma grande cidade, que apenas por tres mezes conhece um homem; as lagrimas que derrama sobre o seu cadaver, são o maior louvor do que tanto mereceu.

A ultima hora do dia começado em Novara, bateu a 28 de Julho.

A vida do heroe acabou santamente na terra.

Deus a continuará na bemaventurança eterna.

A donzella dos olhos verdes.

(Imitação de Bernardim Ribeiro.)

665 Fostes nascida entre prantos,
Viestes, meiga, sorrir;
E tendes tantos encantos,
Que invejas fazem sentir...

Assim nascida e creada...
Em prantos sempre a lidar,
De verdes olhos dotada...
Nascestes só para amar!...

Estou-vos vendo, donzella,
Com tal lindeza sem par,
Que tanto brilho tem ella,
Que mais não póde brilhar.

Essa belleza tamanha,
Um erro fôra deixar,
A sua, por terra estranha,
Ficando nós a penar!...

Não sei se leda vos ides...
Contente vendo-nos sós...
E se tão longe vos ides,
Vendo-nos tristes a nós!...

Nunca rasão tem o fado,
Nem nos permitte fallar...
Se isto assim nos foi dado,
Não nos podemos queixar!...

Eu só vos vi tão formosa...
Ver-vos assim mais ninguem!
Pensei que fosseis bondosa,
Para meu mal vos quiz bem.

Os vossos beiços mimosos
Oh! que sorrisos que tem!
Os verdes olhos formosos,
Olhando, dizem desdem!...

Sempre fingindo ternura...
Triste, deixastes-me assim!
Onde eu pensei a ventura,..
Males busquei para mim!...

Quem na fortuna ou belleza
Se póde acaso fiar!!
Só no mudar tem firmeza,
Sabendo sempre enganar!

Passaram mezes e annos,
Que eu na ventura sonhei...
Mas pelos vossos enganos,
Penas e damnos achei!...

Sempre no mal ha tardança...
Só brevidade no bem...
Vivendo sempre d'esp'rança,
Nunca a fortuna nos vem!...

10 de Julho de 1849.

AYRES PINTO DE SOUZA.

A Litteratura.

VIII

In mores, in linguam, in jura, in ditionem cessere romanam.

Inscrip. Lapid.

Romanosque omnes fieri,
Quos Tagus aurifluens, quos magnus inundat Hiberus.

AURELIUS PRUDENTIUS CLEMENS.

666 PROMETTEMOS no artigo antecedente examinar algumas questões ethnographicas, que se enla-

çam com o assumpto da filiação da nossa lingua. Damos hoje começo a essa tarefa.

Os leitores sabem já que o nosso proposito é antes indicar as fontes de doutrina, do que escrever um Tratado ex professo; e por isso esperamos que nos desculpem a importunidade das innumeras citações, que fazemos, em attenção á natureza especial do nosso trabalho.

O Sr. S. Luiz concluiu de um certo numero de provas historicas, «que é difficil introduzir em um «povo numeroso a total mudança de linguagem, ou «ainda alterar as suas fórmas caracteristicas; e por «outro lado, considerando que todos os philosophos «reconhecem a intima e essencial ligação que tem a «linguagem com o pensamento, e a fórma externa «do discurso com o quadro interno das idéas, de que «elle é a expressão», concluiu que se lhe affigurava «impossivel, não só difficil, a mudança total da lin«guagem antiga portugueza para a latina, ou (o que «vem a ser o mesmo) o total esquecimento e abandono da primeira para adoptar a segunda.

É porém certo que os factos historicos, os principios ethnographicos, e o sentir de mui competentes philologos, contrariam inteiramente estas asserções.

Um profundo philologo, M. Bonamy, em uma Memoria inserta no 24.° vol. das da *Academia das Inscripções*, exprime-se d'este modo: «Les Romains, «après avoir fait la conquête des Gaules, y introdui«sirent aussi l'usage de la langue Latine. *C'était un «des principes de la politique de ce peuple d'imposer «aux Nations vaincues, qu'il appellait barbares, l'obli«gation de parler sa Langue, après leur avoir imposé «celle de lui obéir.* — Opera data est, *dit St. Augus«tin* (1), ut imperiosa civitas non solum jugum, ve«rum etiam linguam suam domitis gentibus per pa«cem sociatis imponeret. — J'ai dit les Nations bar«bares, pour les distinguer de celles qui parlaient «la Langue Grecque; celles-ci conservèrent toujours «l'usage de leur langue, quoique les magistrats Ro«mains se fussent fait un devoir, même des temps «de la République, de ne leur répondre dans la mê«me Langue, lors même que ces magistrats enten«daient le Grec. — Illud quoque magna perseveran«tia custodiebant ne Græcis unquam nisi Latine res«ponsa darent, quin etiam . . . per interpretem loqui «cogebant, non in urbe tantum nostra, se etiam in «Græcia et Asia. Quo scilicet Latinæ vocis honos per «omnes gentes venerabilior diffunderetur (2).

E a pag. 592 diz: «La splendeur de Rome, l'é«tendue de son empire, les actions brillantes des Ro«mains, leurs loix si sages et si sensées, cet ordre «admirable pour la police qui régnait dans tous les «ordres de l'état, ces dépenses immenses, non seu«lement pour la décoration des villes, mais encore «pour l'utilité publique, comme les aqueducs et les «grands chemins qui traversaient tout l'empire, (po«deria acrescentar = e as magnificas pontes e outras «muitas obras =) tout cela était bien capable de fai«re impressions sur des hommes tels que les Gaulois, «propres à sentir et à admirer ce qui était vraiment grand.»

(1) De Civitate Dei, l. 19, c. 7.
(2) Valer. Max. l. 11, c. 2, n. 2.

E com effeito, já em tempo de Aulo-Gellio os hispano-romanos consideravam como sua a lingua latina. O famoso auctor das *Noites Atticas* refere no Liv. 19, cap. 9, uma anecdota litteraria, que põe na maior evidencia esta verdade. — Um mancebo da Asia, nobre, rico e folgazão, reuniu em um banquete, para festejar os seus annos, os seus amigos e mestres, entre os quaes estava tambem Antonio Juliano, hespanhol de nação, e distincto professor de eloquencia em Roma. Quando cessou o banquete, começaram alguns dos convidados a recitar versos de Anacreonte e de Sapho, elegias de poetas contemporaneos, e canções amorosas, que muito deleitaram a assembléa. N'este enlêvo, e assim excitados pelo enthusiasmo de tão prasenteiro passatempo, romperam alguns dos jovens gregos da sociedade em motejos a Juliano, chasqueando-o de barbaro e de rustico por haver nascido em Hespanha, e apodando a sua eloquencia com os epithetos de rabida e bulhenta *(facundia rabida jurgioque)*, como destinada a exercitar uma lingua rude, inculta, sem graça, e sem amenidade. Perguntavam-lhe o que pensava elle a respeito de Anacreonte, e de outros poetas gregos, e se por ventura os latinos haviam feito versos tão correntes e deleitosos; e a ponto apuraram a paciencia do bom do rhetorico, que elle desafogou a sua indignação, acudindo irado pela honra da *lingua latina, sua lingua nativa*, como se tomasse a defeza da sua religião ou dos proprios lares, dizendo: = Devèra eu dar-me por vencido, e conceder-vos que nos levaes a palma n'este desperdicio das boas artes, por maneira que, assim como vos excedeis na boa disposição dos festejos, e no bem preparado das iguarias, egualmente vos avantajasseis nas poesias e canções. Porém, para que não nos condemneis, isto é, para que não condemneis o nome latino, como se se tractasse de alguns rusticos, grosseiros e sem graça, rogo-vos me permitaes, etc. =

Tum ille pro *Lingua Patria*, tanquam pro aris, et focis animo irritato indignabundus: Cedere quidem, inquit, vobis debui, ut in tali asotia artium nos vinceretis, et sicut in voluptatibus cultus, atque victus, ita in cantilenarum quoque multis anteiretis. Sed *ne nos, id est nomen latinum*, tanquam profecto vastos quosdam et in subditos anaphrodisias condemnetis; permittite mihi, quœso, opperire pallio caput, quod in quadum parum pudica orationem Socratem fecisse aiunt, et audite, ac discite, nostros quoque antiquiores, ante eos, quos nominastis, poetas amasios, ac Venereos fuisse. Tum resupinus capite convelato voce admodum quam suavi versus cecinit, etc.

«D'este lugar se colige con claridad, diz Aldrete, qual fuesse la lengua de España en aquel tiempo. Puès Antonio Juliano defendió por lengua patria de España la latina, y por tal la tuvieron los griegos, etc. (Liv. 1.°, cap. 20).

Este argumento é muito ponderoso, e junto á consideração da necessidade que tinham os povos de aprender a lingua dos illustres vencedores, quer para chegarem aos cargos, quer para poderem comprehender as determinações do soberano, o qual só se exprimia em latim, quer para conversarem com os romanos das colonias, e com aquelles a quem os negocios do imperio ou os do commercio atrahiam ás provincias; tudo isto habilita a concluir com *Bona-*

my: «*il n'est pas plus étonnant que la* langue latine «soit devenue, au bout de quatre siècles, la langue «dominante dans les Gaules, que de la voir en usa«ge dans l'Afrique, *et surtout en Espagne.*»

Vejamos agora se a historia nos apresenta exemplos numerosos de nações que olvidaram a sua lingua e adoptaram outra; e se a ethnographia tem descoberto e admitte hoje alguma lei reguladora d'essas mudanças, que perfeitamente explique este phenomeno linguistico.

Seguiremos n'esta parte o que se lê no «Discurso Preliminar da Introducção ao Atlas Ethnographico de M. Balbi, pag. 75 a 80.»

1.º Os gregos e os romanos fizeram desapparecer os numerosos idiomas que se fallavam na Europa meridional, e em uma parte da Europa central, tornando dominante a lingua latina durante o periodo do poder politico, e esplendor litterario de Roma.

2.º Os arabes fizeram desapparecer de uma grande parte da Asia occidental, da Africa septentrional e oriental, os idiomas dos indigenas, de sorte que o vasto territorio, onde outr'ora se fallou o hebreu, o phenicio, o persico, o syriaco, o chaldeu, o egypcio antigo, o egypcio moderno, e em parte o nubio, se está hoje fallando o arabe.

3.º São bem conhecidas as mudanças de idioma operadas pelos europeus na America do sul e do norte; devendo até notar-se que um breve lapso de tempo basta para transformar os africanos escravos em inglezes, francezes e dinamarquezes, ou em hespanhoes, portuguezes e hollandezes.

4.º Os anglo-saxonios, e outros povos conquistadores que invadiram as ilhas britannicas, fizeram desapparecer de toda a Inglaterra, da maior parte da Escocia, e de mais de um terço da Irlanda, a lingua celtica, a qual foi substituida por uma lingua mesclada, proveniente da fusão dos povos que, em differentes epochas, dominaram n'aquelle archipelago.

5.º Os povos germanicos deram a sua lingua a um grande numero de nações slavas, que estanceavam ao éste e ao sul do Danubio; e na segunda metade do seculo passado, os dragões hannoverianos forçaram os restos dos vendes de Lunebourg a dar de mão á sua lingua, e a adoptarem o allemão.

6.º Mostra-nos a historia que os visigodos e os alanos perderam o nome e a lingua na Hespanha; aos osthrogodos e hérulos succedeu o mesmo na Italia; ao passo que os francos, os borguinhões, os lombardos, e os normandos mudam de lingua na França, na Borgonha, na Lombardia e na Normandia, paizes que aliás subjugam, e aos quaes communicam o seu nome. Os varégues, outro povo germanico, fundam o imperio russo, perdendo todavia a sua lingua, e tornando-se slavos.

. . . . . .

Devêramos continuar a longa serie de exemplos que M. Balbi cita depois dos acima referidos, mas não convém alongar esta nossa mesquinha escriptura, e por isso remettemos os leitores para a citada obra, e damo-nos pressa a referir a conclusão que d'esses factos póde tirar-se.

José Silvestre Ribeiro.

(Continuar-se-ha.)

Improviso ao verão.

667 —Linda, mimosa estação,
Esmalte da natureza,
O que fôra sem teu brilho
Sua triste singelesa?!—

Devem-te as aves seus cantos,
Devem-te os campos as flôres,
Devem-te os bosques as folhas,
Devo-te eu os meus amores.

Tu és a alma dos jardins,
O aroma da madrugada;
Tu espalhas mil perfumes
De Phebo na retirada.

A noite fria e medonha
É comtigo encantadora;
Imperas na tempestade
Mais do que Eólo senhora.

És arbitra do universo,
És a vida, és a belleza:
Tens na tua mão os destinos
Do rico e da pobreza.

Tu adornas de mil fructos
Os campos, os arvoredos;
Tornas até productivas
As charnecas, os rochedos.

Tu entornas mago encanto
Do orbe na per'pheria;
Tu embriagas os mortaes
De prazer e de alegria.

Só um mal em ti diviso,
—Mal porém que bens me trax—
Quero dar-te mil refrescos
P'lo calor que tu me dás.

Dou-te o orvalho da manhã,
Dou-te o murmurio da fonte,
Dou-te o sombrio das selvas,
As frias grutas do monte.

Dou-te um banho em lympha pura,
A tenue brisa do mar,
Um passeio ao pôr do sol,
Uma serenata ao luar.

Tudo em ti é maravilha,
Tudo enlevo e novidade;
Tudo em ti alto apregoa
O poder da Divindade.

—Linda, mimosa estação,
Esmalte da natureza,
O que fôra sem teu brilho
Sua triste singelesa?!—

Estremoz, 4 de Junho de 48. G. L.

NOTICIAS.

Actos Officiaes.

31 de Julho a 7 de Agosto.

Diario n.º 178.

668 Conta do Director da Caza da Moeda e Papel Sellado.

—

Dito n.º 180.

Decreto providenciando sobre o modo de pagamentos dos juros da divida interna e externa.

—

Dito n.º 181.

Portaria regulando o modo como deve ser feito o serviço das obras publicas nos districtos do reino.

Decreto nomeando uma commissão que deve propor as providencias necessarias para o melhoramento do systema de fiscalisação interna e externa, seguido nas Alfandegas de Lisboa e suas delegações.

Decreto mandando proceder ao lançamento da decima.

—

Dito n.º 182.

Estatistica do Supremo Tribunal de Justiça.

—

Dito n.º 183.

Amortisação pela Junta do Credito Publico das Notas do Banco de Lisboa, no valor de 65:751$600.

Mappa da existencia e amortisação das Notas do Banco de Lisboa.

Notas amortisadas	1.644:679$200
Em circulação	3.355:320$800

Uma Augusta Visita.

669 A 29 do passado entrou a barra de Lisboa um vapor de guerra hollandez, trazendo a seu bordo Sua Alteza a Princeza dos Paizes-Baixos, Willelmina Marianna, filha de Guilherme I, irmã de Guilherme II, e tia do rei actual da Hollanda, que havia partido de Amsterdam nos primeiros dias de Julho passado.

S. Alteza, durante os poucos dias, que esteve em Lisboa, empregou-os em visitar o que em Lisboa ha digno de ser examinado.

Na sua visita ao Mosteiro de Belem, admirou, como conhecedora, aquella bella obra de architectura.

Visitou tambem a Egreja do Coração de Jesus, á Estrella, e a Capella de S. Roque. Em todos estes edificios examinava com attenção todos os objectos de arte, discorrendo sobre os mesmos com profundo conhecimento; por esta occasião mostrou grande pezar por não poder visitar o Convento de Mafra e o da Batalha.

Todas as pessoas, que tiveram a honra de tractar com esta Princeza mostram-se penhoradas pela affabilidade de Sua Alteza.

Sua Alteza partiu no dia 4 do corrente, com destino a Jerusalem, fazendo escala por Cadix, Gibraltar, Malaga, Sicilia e Malta.

Atrevimento.

670 Um soldado, na quinta feira passada, vendo entrar para uma escada da Rua da Prata um sujeito com um bom grilhão de oiro ao peito, seguiu-o, e quando se achou no meio da escada, ordena-lhe que pare, e quer rouba-lo. O individuo, querendo convence-lo do mal que fazia, teve em resposta uma grande pancada com o cabo da bayoneta na cabeça. Cahe redondamente no chão, e o soldado, julgando te-lo morto, desceu, procurando fugir, e abandonando a bayoneta. Uns operarios, que andavam trabalhando em um andar da casa, sentindo a bulha, lançaram-se pela escada, e conseguiram prender o malfeitor.

O individuo era o dono do predio, que ía vigiar umas obras, que trazia em um dos andares.

Consta-nos que o soldado foi logo mettido em conselho de guerra.

Theatro de D. Maria II.

671 O Templo de Salomão correspondeu ao que se esperava. A contextura do drama tem merito, mormente no 6.º e 7.º quadro: o estylo é digno da penna do Sr. Mendes Leal. A execução não foi completamente perfeita. Parece-nos que das primeiras partes, só a Sr.ª Soller e o Sr. Rosa é que comprehenderam os seus papeis. O scenario é magestoso, e só com mui avultada despeza se podiam conseguir os brilhantes resultados, que se observam nas representações do drama.

Enchentes repetidas e muitos applausos tem premiado a representação do Templo de Salomão.

Mais de espaço trataremos d'este assumpto.

COMMERCIO.

672

Cereaes em 8 de Agosto.

Trigo do reino rijo	de	340	a	380	réis	a bordo.
» » molle	de	360	a	460	»	»
» da ilha	de	300	a	360	»	»
Milho do reino.....	de	230	a	240	»	»
» da ilha.....	de	180	a	200	»	»
Cevada do reino	de	140	a	160	»	»
» da ilha	de	130	a	140	»	»
Centeio do reino	de	200	a	210	»	»

—Na praça de Londres, foram, em 26 de Julho, cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco		198	200	Por 100.
Consolidados	3 p. %	92¼	92¾	»
Redusidos	3 »	92	92⅛	»
Fundos	3½ »	94⅝	94⅞	»
Exchequer bills de Março		47	50	Premio.
» de Junho		—	—	»

ESTRANGEIROS.

Belgas	4½ »	83	85	Por 100.
Brasileiros	5 »	83	85	»
Dinamarquezes	3 »	69	71	»
Hispanhoes	5 »	18⅝	18⅞	»
Ditos	3 »	34	34½	»
Hollandezes	5 »	80½	81	»
Ditos	2½ »	51½	52	»
Mexicanos	5 »	26¾	27	»
Portuguezes	4 »	30	31	»
Ditos consolid. 1841	—	28	30	»
Ditos divida interna	—	Sem preço.		—
Russos	5 »	104	107	»

— Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa		53¼	53⅜	Por 1$000 rs.
Porto		53¼	53⅜	»
Rio de Janeiro		25	26	»
Bahia		—	—	—
Paris	25	57½	62½	»

Praça de Lisboa, 8 de Agosto. — Os fundos publicos de 5 por cento teem sido muito procurados, e realisaram-se vendas a 56 por cento. Os de 4 por cento a 46 a 47. Acções do Banco de Portugal, sem o dividendo recebido, 480 a 485$000 rs.

— *Estado do mercado, em 8 de Agosto de 1849.* —

Assucar branco de Pernambuco 1$350 a 1$550. Dito do Rio 1$250 a 1$300. Dito da Bahia 1$250 a 1$400. Dito Mascavado 900 a 1$150 rs. — Limitam-se as vendas ao consumo, continuando os possuidores a sustentar os maiores preços.

Cacáu. 1$600 a 1$650 rs. — Preços nominaes.

Café. Primeira sorte 1$900 a 2$000. Segunda dita 1$650 a 1$750. Terceira dita 1$500 a 1$600. Escolha 800 a 1$200 rs. — Houve vendas para reexportar, do de 2.ª e 3.ª sorte, faltando no nosso mercado a qualidade superior.

Cera. D'Angola B 230 a 235. Dita A 220 a 225. — Não houve vendas.

Marfim. Lei 920 a 960. Meão 820 a 840. Escaravelho 500 a 600 rs. — Igualmente não nos consta que houvesse vendas.

Urzella. 6$000 a 6$500 rs. Tambem não houve vendas.

Expediente.

ESCRIPTORIO — RUA DOS FANQUEIROS N.º 82.

Correspondencia franca de porte — AO REDACTOR E PROPRIETARIO DA REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Assignatura.

Doze numeros	$600 réis.
Vinte e quatro ditos	1$200 »
Quarenta e oito ditos	2$400 »

São correspondentes d'este jornal nas terras abaixo mencionadas, as pessoas que fazem parte da seguinte relação:

Porto, o Sr. Francisco José Coutinho, Typographia Commercial — Abrantes, o Sr. Raimundo José Soares Mendes — Setubal e Alcacer, o Sr. Agostinho Rodrigues Albino — Alemquer, a Sr.ª D. Maria Jacintha Salgado — Almada, o Sr. Francisco Antonio de Almeida Coelho — Beja, o Sr. José Ricca — Campo de Ourique e Sines, o Sr. Joaquim Pires de Mattos — Cascaes e Cintra, o Sr. Alexandre da Motta Villas-Boas — Castello-Branco, o Sr. Francisco José Mourão — Elvas, o Sr. Antonio Ferreira Guimarães — Lagos, o Sr. Januario José Simões — Leiria, o Sr. Miguel Joaquim Leitão — Peniche, o Sr. Francisco Manuel Velloso de Horta — Portalegre, o Sr. João Anastacio Dias Grande — Santarem, o Sr. João Bonifacio Guimarães — Torres-Novas, o Sr. Olimpio Justino Victor — Amarante, o Sr. Victorino Ferreira Bessa — Aveiro, o Sr. José Simões de Paiva — Braga, os Srs. João Antonio de Oliveira Braga e Luiz do Amaral Ferreira — Feira, o Sr. Bernardo José Corrêa de Sá — Valença, o Sr. Manuel Leite Ribeiro e Silva — Villa Real, o Sr. Manuel Ignacio Pinto Saraiva — Coimbra, o Sr. Joaquim Maria Soares de Paula — Evora, o Sr. José Mathias Carreira — Ilha Terceira, o Sr. Lucas Chaves — Fayal, o Sr. Manuel Maria Madruga de Bettencourt — Madeira, o Sr. Christovão José de Oliveira.

A Redacção annunciará, e, convindo, analysará qualquer publicação estrangeira ou nacional, que lhe seja remettida. O annuncio se fará na parte bibliographica. Quando assentar que o não deve fazer restituirá a publicação de que não der noticia.

Todos os inventores, auctores, ou outras pessoas que desejarem faser conhecer ao publico, machinas, livros, sementes, plantas, objectos de arte, medicamentos, etc. poderão mandal-os para o Escriptorio da REVISTA, annunciando-se e descrevendo-se gratuitamente no Jornal.

— Recebemos um artigo do Sr. L. G. Gama Lobo — Algumas reflexões sobre a Portaria de 8 de Novembro de 1847: será publicado.

— Recebemos:

O novo jornal, o Industriador.

Apontamentos de um caixeiro, livro publicado no Rio de Janeiro.

Assembléa Litteraria, jornal semanal.

Actas das Sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa, N.º 1, 2 e 3.